

ANA LEONOR



Actos Compulsivos
da Comunicação
entre Bactérias
e Humanos

Biblioteca UNL - *Campus de Caparica*

26 de Fevereiro a 27 de Março 2009

Horário:

De 2^a a 6^a feira das 9:00 às 20:00

Artista

Ana Leonor

Ficha Técnica

Director Biblioteca UNL - *Campus de Caparica*

José Moura

Coordenação da Exposição

José Moura, Ana Alves Pereira, Anabela Seita, Ana Isabel Ribeiro

Concepção e Design do Catálogo

Camy - Gabinete de Design da FCT/UNL (09)

ISBN 978-972-8893-18-7

Depósito Legal 000000000

ANA LEONOR

Actos Compulsivos da Comunicação
entre Bactérias e Humanos

Bactérias e Humanos em Comunicação

A Biblioteca do *Campus* de Caparica (Faculdade de Ciências e Tecnologia), em conjunto com a VPF Rock Gallery, propõe uma instalação/exposição única, que se apresenta como um desafio ao espectador/observador: *as bactérias, os humanos, os espaços por eles habitados e o modo como esses espaços se transformam em sujeitos como resultado dessa (co)habitação*. O tema, multifacetado, não podia encontrar melhor envolvente. A criação/realização/proposta artística intui e interroga o problema científico, invoca uma inter-penetração dos mundos da ciência e da arte, e alerta-nos simultaneamente para a complexidade dos problemas que a ciência enfrenta, obrigando-a frequentemente a recorrer à interdisciplinaridade. Questões (ficcionais) como as apresentadas em que alterações de DNA vão levar à transformação do micro- para o macro-biológico, em que mundos diferentes comunicam, em que a comunicação acontece por mecanismos desconhecidos, suscitam interpretações alimentadas pela confluência de saberes transversais da química, física, (micro)biologia, bioquímica, genética, entre outras, mas que aqui envolvem a pintura, a “escultura”, a fotografia, o grafismo...
Difícil ficar indiferente e não reagir, não ficar

impressionado, não questionar, não levar o “trabalho para casa”...

O realismo da instalação criada por Ana Leonor, onde o mundo “micro” tornado “macro” se confronta com o humano (parasitismo/simbiose?) questiona-nos quem interage, quem domina (poder?), porque aconteceu este fenómeno, qual o perigo (eminente ou não?) de tal acontecimento, até onde o podemos controlar (anular?)...

Muitas perguntas, provavelmente poucas respostas, ou algumas respostas que levantam mais perguntas, ou algumas respostas que conduzem a mais respostas, como sempre acontece num problema científico!

José J. G. Moura
Director da Biblioteca
Fevereiro 2009

Uma utopia científica e artística?

A Exposição *Actos Compulsivos de Comunicação entre Bactérias e Humanos* - de Ana Leonor, apresentada em colaboração entre a Biblioteca do *Campus* de Caparica (Faculdade de Ciências e Tecnologia), e a VPF Rock Gallery consiste de facto na realização de duas diferentes exposições individuais da artista (em lugares e tempos diferentes), nas quais o trabalho apresentado se complementa, e que em conjunto possibilitam uma visão do universo plástico e estético muito singular da Ana Leonor.

Quando olhei pela primeira vez, para a série de pinturas de igual formato (50 x 60 cm) que a Ana Leonor apresenta na VPF Rock Gallery, verifiquei nelas a autenticidade do exercício da pintura - no sentido clássico do trabalho de atelier -, que se inspira no prazer (coração) do fazer, e exige sabedoria e dedicação na construção de cada uma obras.

Porém, encontramos muito mais nas pinturas da Ana Leonor, para além desta autenticidade que revemos em cada uma delas (na sua criação artística); Estas pinturas relacionam a estética com a investigação científica, e inventam - ainda - uma utopia científica e artística “Burned By Blue” que a artista vem construindo desde 1996, e que empreende

o contexto da exposição e da obra da artista.

Ana Leonor apresenta as suas próprias ideias (ver texto da autoria da artista) acerca do trabalho que criou, e racionaliza-o através de intervenções/exposições: presentemente, na exposição na Biblioteca da FCT (no *Campus* de Caparica) reconstitui uma das cozinhas BBB (instalação) e mostra em simultâneo um conjunto de fotografias, enquanto que -pela primeira vez-, apresenta pinturas na VPF Rock Gallery

Em cada nova intervenção deste complexo trabalho, que anteriormente foi apresentado através de conferências e vídeos, noutras locais como Frankfurt (Alemanha), Ohio e Kansas (USA), e também através do livro “Queimado por Azul”, edição Assírio e Alvim (2006), Ana Leonor cria um contexto, cujo resultado sugere um percurso simultaneamente poético e seguro, que envolve métodos científicos e ficção premonitória.

Victor Pinto da Fonseca
Director da VPF Rock Gallery
9 Fevereiro, 2009

Ana Leonor ou o permanecer entre a realidade e a ficção

I. Entre a Arte e a Ciência

A contaminação entre a Arte e a Ciência não é um fenómeno recente, embora tenha ganhado diferentes, variadas e amplas dimensões na prática artística contemporânea. Etimologicamente, a palavra latina *Scientia* significa «aprender» ou «conhecer», ou seja, observar e reflectir sobre o Mundo, como o faziam os pensadores gregos que assim se investiram de uma dupla condição: a de primeiros cientistas e a de filósofos. Tal como o conhecimento artístico, também o conhecimento científico é cumulativo, por inclusão ou exclusão, das leis explicativas que resultam da observação e experimentação de determinados fenómenos.

Também como o trabalho artístico, o trabalho científico tem uma componente de aproximação, de deslocação, de comparação, de identificação, de nomeação, de penetração no meio interior. Ou seja, é um método desocultação da realidade. O Desenho foi então (e ainda o é, considerando a importância que, por exemplo, o desenho científico continua a ter actualmente), um meio de registo de descobertas fundamentais para a difusão do mundo e dos seres que nele

habitavam, constituindo-se assim como uma forma de conhecimento, desdobrando os mundos do Mundo, fazendo-o circular em si próprio. Recorde-se, entre tantas outras referências possíveis, os desenhos anatómicos de Leonardo da Vinci que, realizados sem preocupações plásticas mas com rigor de registo, são hoje exemplos magníficos da importância do acto de desenhar. Poder-se-á mesmo acrescentar que estas imagens certificam a nossa genealogia enquanto indivíduos, unem-nos aos outros que fomos como que assegurando a continuidade da espécie ao longo dos séculos.

O entendimento dos seres vivos a partir da célula, é o objecto da Biologia. Assente numa série de operações cognitivas, é uma ciência experimental que coloca hipóteses, verifica-as estabelecendo as constantes e a definição dos fenómenos observados. Conceitos, teorias, um corpo de saber que se redefine pelos mesmos métodos com que se constrói, constitui uma base de conhecimento em cruzamentos e deslocações permanentes. Tal como os caminhos da Arte, os caminhos da Biologia são infinitos enquanto perdurar a observação, a curiosidade que conduz ao entendimento pleno daquilo que se observa.

II. A liberdade de escolha do artista

O artista, trilhando esses caminhos de indagação, é livre de escolher o assunto, a técnica que utiliza, os materiais a que recorre, os suportes com que trabalha. O seu método de observação e de registo, sem constrangimentos aparentes, são, depois, legitimados pelo observador por aproximação ou distanciamento (fruição estética) relativamente ao objecto mostrado.

Ana Leonor nunca foi, neste domínio, uma artista amável, porque incisiva. O seu trabalho procurou sempre encontrar uma beleza outra em temáticas não imediatamente empáticas, como por exemplo, os desenhos anatómicos que apresenta na primeira exposição individual (1980) e que realiza presencialmente no Teatro Anatómico de Lisboa. É a escolha da morte para um melhor entendimento da vida, como quem caminha do fim para o princípio das coisas. Viaja depois por dentro de objectos aparentemente alheios à Arte, como uma máquina de lavar loiça, onde entra e amplia mecanismos que desconfiguram o objecto real da pintura (série de exposições em 1983). Regressa depois ao homem (agora vivo), colocando-o em diálogo com a técnica, denunciando a brutalidade e a inumanidade dos confrontos do mundo (1986-88). No final dos anos 80, a natureza morta e, de novo, as dissecações, são pretexto para mais pinturas. Depois ainda as “Metamorfoses de uma máscara” (1990), o tema do duplo, o outro eu do eu, o que encobre escondendo, o que se apresenta mas não se conhece, o que está à frente depois do eu.

Em todo este caminho, do qual não é alheia a sua estada na Alemanha, primeiro em Munique (1984-85) e depois em Berlim (1989-1992), onde contacta de perto com

práticas artísticas diferenciadas das que então se realizavam em Portugal, existem constantes: séries de variantes cromáticas, uma atitude de fusão entre homem/máquina e vida/técnica, gestos amplos, incisivos, inscritos com sofrimento e intencionalidade de serem aqueles e nunca outros, esforçados, investidos na tela e no papel, exibindo uma impressiva e dinâmica fisicalidade que imana nas obras e que, assim, devolve ao espectador o próprio acto criativo.

III. A Cozinha: o armário das criaturas

Há um gosto evidente em Ana Leonor de andar por dentro das coisas, de ver além do que se vê, como se isso não lhe bastasse. À curiosidade pelas coisas do Mundo, associa então uma dupla capacidade – a artística e a ficcional (como que superando o que o acto de desenhar e pintar em si já comporta enquanto apreensão e representação da realidade). Talvez por isso no seu trabalho há uma dimensão lúdica, no sentido nobre do termo. Ou, dizendo de outro modo, o prazer de brincar com coisas normalmente assumidas como sérias – e, então, inventar a partir da realidade. E, é exactamente através da ficcionalidade que a artista, com uma aparente desconstracção, entra nessa mesma realidade, actua sobre ela, transformando-a. É de novo a *metamorfose* como movimento, a possibilidade da morte, da contaminação, da *máscara*, em suma, uma realidade que aparenta aquilo que não é.

Entra-se assim, em continuidade do seu projecto artístico, nas cozinhas de Ana Leonor. São cozinhas doentes, sempre pintadas de *um tom específico de azul*, detectadas pela primeira vez em 1996 no Estado americano de Ohio, infestadas de bactérias macroscópicas. No decurso da observação deste fenómeno foram verificadas algumas constan-

tes: (1) *O facto das bactérias provirem dos lixos orgânicos*; (2) *o facto da permanência nas cozinhas afectar as pessoas*; (3) *a assunção plena do abandono, como factor de activação do acidente*.

Tal como antes se referiu relativamente aos procedimentos da investigação científica, nomeadamente no campo da Biologia, o conhecimento está sempre em aberto. O mesmo acontece com o fenómeno do efeito *BBB – Burned By Blue*, estudado artística e cientificamente por Ana Leonor. É por isso que a sua pesquisa continua desde 1996, e cada apresentação pública do «estado da arte» (leia-se exposição), acrescenta sempre novos elementos que permitem uma diferente leitura da mesma situação. Em jeito de relatório foi mesmo publicado, dez anos depois do início deste «estudo», um livro que relata detalhadamente todo este processo e para o qual a artista se apoiou em dados reais matizados pela construção de uma ficção de autor.¹

A estória é realista, verificável nas imagens e nos modelos tridimensionais que relatam e comprovam a existência das *Bacteriae Cerúlea*. Ingeridas, dentro do corpo das mulheres, elas circulam no universo interior feminino². A fotografia, intervencionada ou não pela artista, interpela, em dúvida, o espectador. A cozinha ganha identidade, consciência de si, habita-se numa recusa de abandono, a sua condição inicial. O lixo, que é aquilo que por definição se deita fora, aquilo que não se quer, tem autonomia e gera vida organizada. As bactérias são representadas (a

partir de modelos de estrutura real). Porém, perante o conjunto de imagens apresentadas nesta exposição, onde acaba a ficção e começa (de novo) a realidade? Que boca se abre em movimento voluntário, que mão sustenta as bactérias, que corpo é dilacerado e aberto, de que cicatriz se trata? Existem? Existiram? Que veio?

Para melhor entender, é necessário recordar que é indispensável a existência do azul nas cozinhas para que algo aconteça. E, “(...) entrar no azul é um pouco como Alice no País das Maravilhas: passar para o outro lado do espelho.” Ou ainda, porque “imaterial em si mesmo, o azul desmaterializa tudo o que se liga a ele. É o caminho do infinito, onde o real se transforma em imaginário.”³ É onde tem início ou termina o desconhecido.

Parte desta abordagem, desta viagem, desta *never ending story* dentro e fora do visível, é passada também para a tela. São pinturas construídas com negros, cinzas e azuis e que, tangenciais, algumas, a naturezas mortas (como referido, já abordadas pela artista nos anos 80), nos devolvem uma diferente intensidade do mesmo universo. Perpassa o silêncio, uma estranha e aparente quietude dos objectos. Um emaranhado de filamentos (tentáculos), acoplados, insinuam a necessidade do contacto (físico?), do toque, do sentir da existência. Ou estarão estas bactérias já mortas? Outras pinturas registam a sucessão reprodutiva dos esporos ou exibem, numa ampliação de escala, o aspecto de uma cozinha infestada.

No entanto, estas são pinturas que valem por si. Ou seja, podem ser autonomizadas do fenómeno *BBB* e, apenas, serem. Podem

¹ Leia-se RODRIGUES, Ana Leonor Madeira – Queimado por azul. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.

² Recorde-se que as cozinhas são azuis e “Tradicionalmente, o azul simboliza o princípio feminino. O azul é aprazível, passivo e introvertido, e o simbolismo tradicional vincula-o à água, atributo, desta forma, do feminino.” In HELLER, Eva – A psicologia das cores. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2007, p. 32.

³ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain – Dicionário dos símbolos. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997, p. 105.

constituir a sua própria narrativa e serem pretexto maior para o desencadear de novas estórias. Neste conjunto de telas, onde a forma matricial se descaracteriza perdendo a sua identidade primeira, de novo se imprime o gesto meditado da pintura, entre a luz, a sombra e o reflexo. São fragmentos de realidade desterritorializada, anónima, mas tangível.

“Ana Leonor arranca do quotidiano as quase não imagens que constrói e devolve-nos uma visão crítica, interventiva e, inevitavelmente próxima.”, escreveu Rogério Ribeiro⁴. Poder-se-á acrescentar ainda que é uma visão próxima por passar pela intensidade da descoberta daquilo que é, apenas, aparentemente visível. Próxima, também, pela possibilidade que oferece ao espectador de se manter suspenso na indecisão da realidade e da ficção. Entre o que não acontece (ou aconteceu?) e o que poderá vir a acontecer. Próxima, ainda, pela capacidade de gerar a possibilidade do riso. O riso que Ana Leonor ri transmitindo o gosto que tem pela vida.

Ana Isabel Ribeiro

⁴ Rogério Ribeiro, Ana Leonor, Desenho. In Catálogo da exposição realizada na Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, Almada, 1998.

ANA LEONOR

A relação estética com a investigação científica.

A relação emotiva e estética (de experiência estética) de um “observador” com a investigação científica, é uma relação proibida. A investigação científica tende a dissecar, desmontar, entender e congelar até ao retomar do processo.

Existe uma atitude científica que protege esse próprio modo de pensar e investigar (dissecante, desmembrador, distanciado e de temperatura fria), o que vai permitir o postular de regras supra-humanas que se por um lado justificam certas acções difíceis de aceitar para a razão, por outro permitem avançar conclusões exteriores a qualquer identificação de nós com o mundo.

A utilização e o abuso que me proponho fazer à limpidez científica, possibilita um reencontro, na medida em que volta a integrar uma atitude dissociada e autocrítica, no todo entrópico do mundo (mundo entendido como aquilo a que os humanos vulgarmente chamam mundo - o meu mundo, a vida, o todo).

Não ignorando que todas as criações do cérebro são, afinal, aspectos dele mesmo, ainda que estas se independentizem no sentido do M3 de Popper, o seu carácter de interpretação, de entendimento da realidade não obsta a que sejam ficções possíveis sobre a realidade da realidade.

Quer então dizer que se pode assumir ao mesmo nível, a invenção devaneada da realidade e a invenção científica da realidade.

Mesmo a investigação científica pura, desapaixonada precisa, “verdadeira”, tem um observador humano primeiro (o observador, quer esteja a registar um aspecto da investigação quer se tenha distraído com um acaso de vibração azul de um produto que lhe tocou no sentir) que é o próprio investigador, e pouco depois, outros observadores, também humanos que são quem irá divulgar tais





teorias postuladas, ou tais conclusões.

O que importa constatar é que em qualquer dos casos tudo o que se pensa fica sempre remetido para as identidades de variados e sucessivos **eus** (e salientando-se aqui - com tudo o que de humano, frágil, crédulo essas identidades podem conter).

No entanto independentemente de todos os mecanismos de interpretação e registo da realidade, a constatação universal e incontornável da sua existência objectiva, exterior ao eu, é axiomática.

Mas tudo se encontrará, de novo, no observador que inclusivamente tomará consciência dessa realidade objectiva.

A possibilidade de inventar ciências

O trabalho que tenho realizado nos últimos anos, baseia-se em pressupostos e postulados diversos. Alguns dos conceitos que o atravessam, posso enumerá-los como: O entendimento contextualizado de modelos de pensamento; A falibilidade dos instrumentos de observação – os meus, orgânicos, e as próteses a que tenho acesso, mecânicas, etc.; As transposições livres e perturbações de áreas diversas do conhecimento.

Assim:

Memes¹ são unidades de cultura², passíveis de serem criados, no mesmo sentido em que é possível criar um objecto artístico ou um produto resultante da actividade da mente (aqui tenho que, um dia, precisar até que ponto é que aquilo que eu entendo por meme coincide com o que é por outros definido como tal.)

Sendo um meme uma unidade que se reproduz, e sendo as teorias do efeito BBB um meme (salvaguardando a definição de meme), aquilo que eu desejo criar - teorias e resultados dessas teorias baseados em

¹ Dawkins, Richard, 1976.

² Sendo uma expressão desagradável, em português, é a melhor maneira de a definir.

reproduções miméticas e imitações aproximadas ao processo biológico - encontra um eco interessante na própria teoria dos memes que, de igual modo, plasma o esquema biológico para a sua estruturação.

Por exemplo, as bactérias são uma existência, uma definição de um tipo de organismos mínimos, usada em biologia. A minha invenção de bactérias tem, episodicamente, pontos de encontro com as definições e teorias --verdadeiras-- sobre bactérias. Enquanto umas resultam da evolução de um processo inventivo e artístico, são não existentes como bactérias reais, as outras resultam de um processo de observação e investigação preciso e objectivo, são reais e aquilo a que a palavra refere. De vez em quando o caminho que dou às Bactéria Cerúlea coincide surpreendentemente com teorias que encontro sobre a realidade.

Porém, a um meta nível de observação as duas construções são memes.

Se um dos meus pressupostos era inventar uma realidade científica, acabei por me aproximar desse objectivo. Claro que directamente não são a mesma coisa mas indirectamente encontram-se, numa possibilidade de se teorizar sobre os dois conceitos em conjunto, enquanto memes.

Dos muitos pontos de partida para este meu caminho nas artes, um deles é a ideia que tudo está relacionado com tudo.

É uma ideia quase estúpida de tão banal.

É uma ideia auto evidente, quer se pense em termos do que a ciência hoje define, quer se pense em termos religiosos. Talvez nem sempre fosse possível afirmá-lo, mas é uma ideia recorrente e afinal, interessa apenas na medida em que perturba alguma estabilidade cultural, quando levada à letra.

Do mesmo modo que eu usei a estruturação de uma teorização à volta da biologia para fazer o meu trabalho, assim acontece com a teoria que estabelece os memes.





Não é uma estrutura que se apõe, mas sim uma estrutura existente que se adapta, tal como eu adapto uma estrutura existente, no meu trabalho.³

Estamos de novo perante a imitação da imitação, numa espiral contínua.

Contudo o discurso científico tem outras dobras surpreendentes, constantemente perturbadas e aferidas por diversos agentes.

Quando então acontece aparecerem arautos da pureza do pensamento ou do texto que o exprime, ficamos perante a situação ridícula de nos colocarmos voluntariamente em becos sem saída, em esquinas cegas dessas dobras, uma vez que a sua existência depende da totalidade e não da parcialidade das coisas e do pensamento.

(É importante lembrar que na interpretação a partir dos memes, estes são os sujeitos e nós, somos apenas os elementos, que embora participem na sua composição, somos seus transportadores, tanto quanto um humano é alimento para um vírus. O que nos desloca violentamente de qualquer individualidade). O arauto da pureza do pensamento que conheci mais recentemente foi alguém chamado Sokal.

1- A primeira vez que soube do texto de Sokal, pensei que embora a sua finalidade primeira fosse a de encontrar acertos num certo desvario de linguagem, a forma de o conseguir tinha, a meus olhos e ao meu modelo de observação, um carácter quase Borgiano, e daí, uma beleza que não sendo a sua finalidade, adquiria uma qualidade própria de resultado intermédio. Entretanto pude perceber o sentido daquela atitude em toda a sua amplitude e conclui que Sokal se tornara numa espécie de paladino, cavaleiro-andante do discurso puro e puritano, o

³ Claro que aqui ainda é discutível, até que ponto é que o entender da realidade que passa por criar estruturas explicativas, vide o funcionamento dos genes, só até certo ponto é que pode ser considerada como pré existente.

protector do verdadeiro sentido dos termos científicos.

2- Como refiro antes, à algum tempo que o meu trabalho artístico se baseia na estrutura e na organização do modelo biológico e microscópico. A minha intenção é sobretudo uma finalidade artística, do mesmo modo que, o interessante para mim nas teorias sobre memes, é precisamente essa estruturação a partir de um modelo orgânico, isto é do próprio DNA.

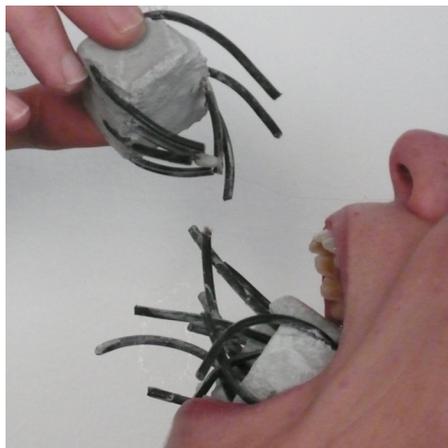
3- Dos aspectos mais curiosos da actividade mental e do seu produto a cultura (ou os memes se quisermos) são a possibilidade de inter-comunicação e movimentação. As trocas e as combinações aleatórias, base de toda a criatividade que tem implícita essa mesma capacidade.

O mesmo acontece com os produtos da mente, como seja o exemplo clássico do cubismo que antevê e dá forma à teoria da relatividade ou a maneira como Deleuze-Guattari utilizam a clareza gráfica do pensamento geométrico para ordenar certo pensamento filosófico (autores de quem Sokal também desconfia).

Se eu disser que falta um quarto de círculo para as doze, ou que são 11 horas e quarenta e cinco, não estarei a afirmar a mesma coisa, porém com um colorido ou transposição imagética um pouco mais insólita? Claro que a discussão se transportará rapidamente para a utilidade de tal imagem, mas aí contraponho com o poder que a imagem terá ou não de ser evidente e universal.

4- O pensamento científico, existindo no maior rigor humanamente possível, baseia-se em modelos de observação que dirigem a possibilidade dessa observação e de análise. Conforme o modelo utilizado, assim será o âmbito do observável.

A situação varia não só consoante os modelos, mas também conforme o contexto histórico, sociológico, religioso entre outros, no





qual se integra o sujeito observador que tal modelo utiliza.

Assim uma constatação científica verdadeira de ontem pode ser uma aberração ou absurdo de hoje. Um modelo científico pode inclusivamente estabelecer um corpo teórico lógico e verdadeiro no âmbito dos seus postulados. E mesmo que esses postulados sejam alterados o processo em si e a teoria que elabora são possíveis, porém deixaram de ser verdadeiros.

5-Finalmente, o facto de usarmos palavras, de restringirmos e fecharmos termos a áreas determinadas do conhecimento, não os torna intocáveis.

Modelos de observação - título provisório

Um dos aspectos importantes para perceber como é que as pessoas olham o mundo, é a aceitação que existem pontos de partida criados pela própria pessoa no início da sua aprendizagem ou tomados por essa pessoa, de outros. Estes pontos de partida podem ou não ser influenciados por diversos aspectos de produtos da mente como a cultura específica de um lugar ou de um tempo, uma atitude psicológica particular, enfim estruturas de pensamento que formam modelos a partir dos quais se observa aquilo que nos é exterior, (e até nós mesmos, enquanto exteriores a nós próprios).

Os modelos de pensamento, aparecem na actividade científica, uma vez que toda a investigação parte de pressupostos que considera verdadeiros para tentar atingir teses por sua vez verídicas.

Porém, parece ser claro, que a própria evolução do conhecimento científico vai tornando obsoletas verdades anteriormente indiscutíveis. A cada novo salto evolutivo acontece uma perturbação dos modelos de análise e conclusões anteriores.

Tais modelos de pensamento e metodologias, certa e erradas, são importantes para

entender a evolução de uma teoria qualquer, isto é para perceber como é possível chegar a determinada tese: é preciso enganar-se para se encontrar, pensar mal para pensar bem. No entanto, para a verdade da teoria e da tese final em questão, os modelos anteriores importam até para, por oposição, para demonstrar a ideia actual.

Mas o facto da existência de modelos de pensamento vai mais longe na interpretação das coisas.

Cada observação cuidada e analítica de um facto ou de um objecto, vai registar tudo o que um modelo determinado de pensamento permite, cegando para qualquer dado exterior a essa possibilidade de observar.

Isto acontece quer se esteja a observar num microscópio um preparado qualquer no qual determinada casualidade não pode ser registada porque não pode ser aceite pelo modelo de observação subjacente, ou que a mesma casualidade não é sequer registada devido às características do microscópio.

Aqui encontrei-me perante uma cegueira imposta por mim própria à observação do que me rodeia.

Eu olho a partir da minha prática artística. Embora certas formas me possam parecer como aproximadas, a qualidade estética que lhes descubro está na rede do meu pensamento que filtra aquele objecto e não, claramente não - bem pelo contrário - no objecto observado.

O facto do objecto não conter essas qualidades apostas, não altera a minha capacidade de prazer, porém, acoplada a esta, sobra uma certa desilusão.

Do mesmo modo que há uma interferência do modelo de pensamento, pode existir uma interferência dos instrumentos de registo.

Lembro uma vez em que divagando pela net, encontrei a entrada, "False sailing maps" que me entusiasmou pela imediata possibilidade de saídas poéticas. Acontece que a sua



leitura resultou de um pequeno erro disléxico da minha parte, pois a frase era "False mailing stamps".

Neste caso o meu modelo de pensamento não interferia com a leitura, apenas os instrumentos de registo ofereceram-me possibilidades não existentes de aproximação ao assunto, que entretanto passaram a existir na minha mente.

As cozinhas azuis

Desde 1996 que investigo um acidente biológico, entretanto nomeado como "Burned By Blue", no qual a entrada em colapso de cozinhas azuis abandonadas, provocaria o aparecimento de uma população de bactérias, transformadas do seu tamanho de micro para macroscópicas.

Desde então realizei exposições, fiz conferências, vídeos e apresentei o problema em vários locais como Lisboa, Frankfurt, USA-Kansas e Ohio, ao mesmo tempo que desenvolvi a investigação deste fenómeno.

O meu trabalho, pode definir-se como uma utopia científica e artística, que usa a teorização para desviar interpretações da realidade, que inventam o contexto dos objectos e situações que apresento.

O ponto de partida é o seguinte: se existe uma veracidade e uma lógica que permitem um pensamento e uma teorização científica, se existe uma verdade e uma lógica filosófica, se existe uma lógica poética, eu experimento mover pequenas partículas desses discursos lógicos, de modo a construir uma possibilidade que pode ser, ou pode tornar-se real.

E é real, porque, finalmente, eu crio-a.

Há duas tipos de aproximação que realizo: uma delas é a ideia que uma teoria certifica impregna um trabalho de possibilidades de aceitação, e respeitabilidade, e assim, conceitos como a universalidade da experiência estética, ou o reconhecimento por ins-

tituições acreditadas, comunicados através de discursos teóricos, podem tornar-se em instrumentos falsos de interpretação, ou em subversivos instrumentos de imposição.

A outra é tomar verdadeiras teorias científicas e entendê-las e alterá-las construindo uma realidade minha.

O efeito Queimado por Azul.

Burned By Blue, vulgo BBB Queimado por azul, é um fenómeno que pode ser desencadeado em cozinhas com duas características principais, estarem sem uso por períodos largos de tempo e serem pintadas de um tom particular de Azul.

"É o abandono que provoca o efeito BBB.

Ao começar a precisar o que é que o termo significa, a possibilidade de uma forma reflexa deste verbo surpreendeu-nos.

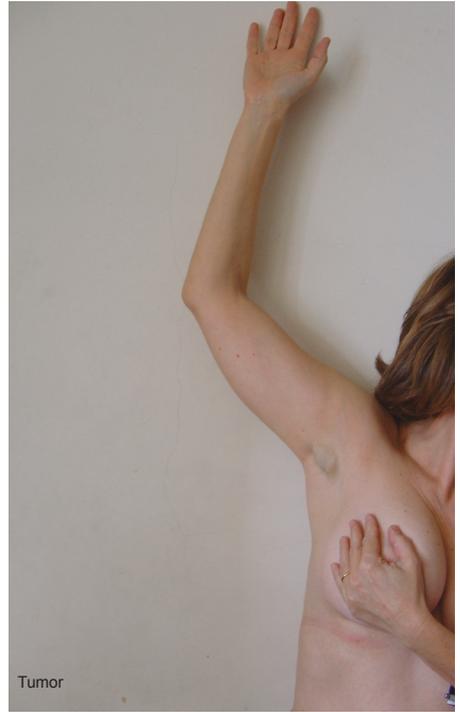
Abandonar pode ser definido como o acto de abandonar, deixar, ignorar, descartar, renunciar, largar, desistir, abrir mão de, desamparar.

A forma reflexa do verbo, nalgumas línguas românicas pode também querer dizer abandonar-se, deixar-se ir, entregar-se a um vício um prazer, uma paixão.

Pode abandonar-se uma pessoa, um lugar, uma actividade, um sentimento ou emoção e para quem defina a vida nesses termos, é possível ainda abandonar a própria alma.

A cozinha BBB, é um lugar onde a dilaceração violenta e continuada do acto de abandono, lhe desencadeia o processo de criação de consciência, que está directamente relacionado com o aparecimento de um tipo particular de bactérias mutantes, as *Bacteriae Cerulea*.

Assim, não só estamos perante um novo factor, a identidade da sala chamada cozinha, mas também uma nova relação entre todos os factores: o elemento humano torna-se em mais um dos sujeitos de uma possibilidade dialogal entre um determinado espaço e uma pessoa.





A cozinha não é mais um elemento passivo e um recipiente de corpos e produtos humanos, mas transforma-se no outro de um diálogo não traduzido. Como as formigas numa colónia, os aglomerados de BC poderiam criar, ou mais ainda, apresentar ideias, conceitos e talvez até equivalente semânticos.

Embora não esteja completamente provado, parece ser possível que a cozinha BBB depois de restaurada tenha a capacidade de escolher quem a irá habitar. Porém o que se sabe sem margem de dúvidas é que, a continuação do seu estado de vigília consciente depende de um modo directo, da relação afectiva que se estabelece entre o seu habitante e ela própria.

Se nos restringirmos à compreensão da palavra abandono como o acto de descartar, deixar andar, deixar alguém ou, neste caso específico, algum lugar, se aceitarmos de antemão que um espaço não tem uma actividade resultante de qualquer intenção de viver (reproduzir-se, manter as suas características...) tendendo para criar uma identidade, então o efeito BBB deve ser considerado em termos da relação entre nós próprios o observador/projector/emissor humano e o lugar em questão.

O que afinal aqui se propõe como explicação, é que nós criamos uma inversão de actividade dentro do lugar anteriormente usado para o nosso próprio mantimento.

A teoria resultante de tal compreensão de abandono, apresenta as Bactéria Cerulea como sendo uma tentativa ultima e desesperada de sobreviver ao sentimento de ser descartado, invertendo o acto de abandono de um lugar deixando atrás de si como eco uma espécie de grito da presença anterior.

Nós abominamos o pensamento de nos considerarmos lixos orgânicos. O único procedimento para conseguir suportar esse sentimento, resultaria em projecções de uma

intensidade tal que resultaria na activação da radiação azul, com todos os seus conhecidos efeitos.

Reconhecendo a possibilidade de ser a forma não reflexa mas reactiva de abandono que desencadeia o efeito BBB, estamos também a aceitar que não existe uma interferência activa do lado da cozinha.

Restam-nos então os seguintes factores para analisar: Paredes azuis (a tal cor entre 430/424 nm), restos orgânicos, (onde abundam bactérias), projecções da mente humana (ansiedade transformada numa interferência) e um período desconhecido de abandono.

Seríamos forçados a olhar de uma maneira diferente para estes factores se considerarmos, por outro lado, que o verbo abandonar pode ser usado de um modo reflexo quer para sujeitos vivos como par não vivos.

A ideia é quase absurda, mas os factos que resultam do conhecimento que temos sobre este fenómeno, permitem apresentar esta teoria como uma das hipóteses mais plausíveis de compreensão do efeito BBB.

Se a primeira hipótese for válida, o efeito BBB é um fenómeno (ou mais provavelmente um acidente) resultante da actividade descontrolada do subconsciente humano, do qual o conceito de abandono permite uma situação de entrada em colapso de todos os elementos, humanos e não humanos, que desencadeia a radiação de um tom particular da cor azul, resultando na mutação das Bacteria Cerulea.

Se a segunda hipótese for válida, o efeito BBB não tem um carácter de colapso descontrolado, pelo contrário, torna-se no modo comunicativo de uma entidade que até então fora considerada vazia de quaisquer possibilidades de identidade própria (fora daquilo que são as nossas projecções).

A segunda hipótese, além de explicar o BBB como sendo inócuo para os humanos, abre





Cicatriz



Cicatriz

um mundo novo de possibilidades de comunicação modos exploratórios entre entidades amigáveis que nos envolvem”⁴.

“Cada criatura que viva, na cozinha, deverá tratar das bactérias com atenção e ternura, mas também paciência, pois a situação comunicativa só se desenvolve ao fim de alguns meses da sua existência em estado organizado (a anterior dispersão caótica das BC dificultou o entendimento deste fenómeno).

Ainda não é possível descrever e traduzir aquilo que uma cozinha diz, no entanto, o registo de todos os momentos da relação entre habitante e habitáculo, caminham no sentido de elaborar uma súmula de conhecimentos que tendem, para a criação dos sistemas intermediários de entendimento, do discurso da cozinha”⁵.

Actos compulsivos

Ao longo da investigação deste acidente, foram identificados, nas habitantes das cozinhas, actos compulsivos como sejam: a ingestão involuntária de bactérias e a reclusão suicida, dentro da cozinha.

Este ultimo caso limite é o da a pessoa que tende cada vez mais a confinar-se ao espaço da cozinha, no receio crescente dos raios UVB e é depois assimilada pela própria (cozinha), ou então a pessoa que consegue uma relação de afinidades electivas com a dita cozinha, aceitando-a como uma entidade sujeito e criando com ela laços de afectividade (que tendem a harmonizar toda a criatura nestas condições).

A presente exposição aborda o segundo comportamento.

Foi identificada e registada a ingestão compulsiva de todos os organismos BC, o que é

⁴ in “Reflections on the invention of sciences”, Leonor, Ana, Kansas State University, 1999

⁵ Rodrigues, Ana Leonor Madeira, “Queimado por Azul”, Assírio e Alvim, 2006.

importante, pois até à pouco se pensava que apenas as BCs redondas eram ingeridas.

A presente exposição vem provar e demonstrar que todas são assimiláveis.

Foi inclusivamente encontrada, e extraída, uma BC, cujo tamanho e colocação se tornaram incómodos para a humana hospedeira.

Importa perceber que o que aqui afirmo e descrevo, são factos, vivências, mas também teorias e conjectura que a maioria das pessoas não aceita, sendo os sujeitos afectados por BC, que não encontrem entidades protectoras, considerados transtornados, física e mentalmente e colocados em asilos subterrâneos e secretos.

O facto de apresentar esta investigação no limiar de uma teoria científica ou de uma divagação artística permite não só divulgar o fenómeno com alguma segurança, (ninguém vai acreditar no que um projecto artístico divulga, embora tudo o que aqui se afirma seja verdadeiro) como desobriga a quem não as conheça, gostar de cozinhas azuis.

Este projecto explora também a nomeação das coisas e as transposições e extrapolações poéticas decorrentes do abuso das palavras, sendo as suas consequências materializadas posteriormente em pequenos filmes de vídeo, em instalações ou pintura.

A utilidade da pintura, no meu caso – sou assumidamente uma simbiose com cozinha – é poder mostrar a não azuis, toda a subtilidade dos sentimentos da cozinha.

Cada nova intervenção – instalação/investigação/performance – implica um novo caminho num intrincado problema que envolve expressões artísticas, métodos científicos e ficções visionárias e premonitórias.

Ana Leonor 2009.

Ana Leonor
2009



PINTURAS



BCI, Acrílico sobre tela, 60X50, 2008



BCII, Acrílico sobre tela, 60X50, 2008



BCIII, Acrílico sobre tela, 50X60, 2008



BCIV, Acrílico sobre tela, 50X60, 2008



BCV, Acrílico sobre tela, 50X60, 2008



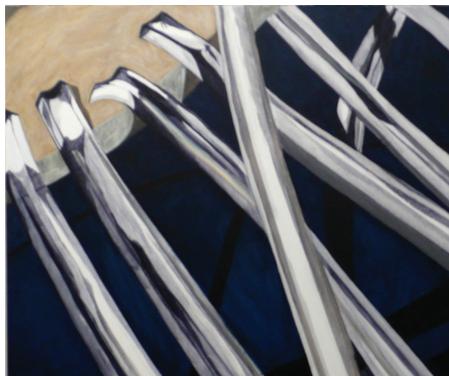
BCVI, Acrílico sobre tela, 50X60, 2008



BCVII, Acrílico sobre tela, 50X60, 2008



BCVIII, Acrílico sobre tela, 50X60, 2008



BCX, Acrílico sobre tela, 50X60, 2008



BCXI, Acrílico sobre tela, 50X60, 2008



BCXII, Acrílico sobre tela, 50X60, 2008

Exposição VPF Rock Gallery
23 de Junho de 2009



Esboço I



Esboço II



Esboço III

ANA LEONOR MADEIRA RODRIGUES

Formação

1978	Termina a licenciatura em Artes Plásticas na ESBAL;
1979	Durante um semestre assiste e às aulas práticas de Anatomia, no Campo de Santana (do que resulta a 1º exposição individual de desenho);
1984 e 1985	Bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian, em Munique, onde frequenta a Akademie der Bildenden Kunst ;
1985	Curso de Holografia, a convite do Ayuntamiento de la Coruña, Espanha;
1989 / 1992	Vive em Berlim e faz o curso de especialização em Estudos Culturais* e Técnicas de Comunicação Estética e Artística na Hochschule der Kunst TU. 4 semestres e trabalho final “Die Insel” ;
1996	Doutoramento em Arquitectura, Comunicação Visual, com a tese: “O Desenho, Ordem Estruturante e Universalisante do Pensamento Arquitectónico”;

Publicações

“O Desenho, Ordem do Pensamento Arquitectónico”, Estampa, Lisboa, 2000.

“O Desenho”, Quimera, Lisboa 2003.

“Queimado Por Azul”, Assírio e Alvim, Lisboa 2006.

“Ensaios nas Margens do Futuro, Sentidos e Significações”, colectânea, Estampa, Lisboa 2007.

Exposições colectivas

-Em 1975/78/79 Exposições de Desenho e Pintura na ESBAL -1977 “Happening Gabriela” SNBA -1980 inauguração do C.C. de São Lourenço, Almansil -1982 “GPIM” Mónaco - “O papel como suporte”, SNBA, Lisboa - “ARÚS I” Lisboa e Porto -1983 “Desenhos no Ar.Co.”, Lisboa -1984 “Novos-Novos” SNBA, Lisboa -1986 “BUC” Coimbra - “III Exposição de Artes Plásticas” F. C. Gulbenkian, Lisboa - “3ª Mostra de Artes Plásticas” Lagos -V Bienal de V. N. de Cerveira - “ Novas Tendências do Desenho” SNBA Lisboa - “EIMA’S” Japão -1987 II Bienal dos Açores -1988 “IV Bienal de Artes Plásticas” Lagos -1991 FBK Berlin -1992 FBK Berlin -1995 “Mulheres e os direitos humanos”, Lisboa - 1997 FAC 97 Feira de Arte Contemporânea, Lisboa - 1999 “Not to...”, Lisboa “O Efeito BBB” Vídeo e instalação - 2000- “Passos 2000”, instalação/vídeo 10 mn, DV “Sweet Sixteen”, Lisboa - 2002 “Freemanifesta” Frankfurt. Distribuição de 700 auto-colantes alusivos ao #efeito BBB” - “Drawing, - the Process”, Kinshon University, UK - 2003 “10 anos de Desenho” Casa da Cerca, Almada - Direitos Humanos, Al, Lisboa- 2008 “O Desenho Dito”, Casa da Cerca, Almada .

Em 1990, participa no projecto de pintura no muro de Berlim, da “East Side Gallery”

Exposições individuais

- 1980 "Desenhos Anatómicos" Galeria Opinião, Lisboa
- 1982 "Abstracção Fotográfica" Pintura, Galeria Ether, Lisboa, Évora, Beja
- 1986 "Pintura" Galeria EG, Porto
- 1987 "Pintura 86/87" SNBA, Lisboa
- "Ser ou não ser" Pinturas e serigrafias de 84 e 85 Instituto Alemão, Lisboa
- "Mateo XXV,30" Pintura, Galeria Poligrupo/Renascença, Lisboa - com o pintor Luís França
- 1989 "Naturezas Mortas II" Pintura, Porto (com o apoio da Gal. EMI)
- 1990 "Menschenbilder" Pintura Goethe Institut, Berlin e Frankfurt
- 1991 "Metamorfoses de uma máscara" Desenhos e Pintura Galeria Arcada, Estoril
- 1994 "O anjo azul" Desenhos e esculturas em cimento, num andar vazio, em Lisboa
- 1995 Instalação com desenhos e esculturas em cimento, no Museu de Arqueologia do Instituto Geológico e Mineiro, Lisboa
- "Esculturas em cimento", Reservatório da Patriarcal, Lisboa
- 1996 "Efeito BBB sobre bactérias, em cozinhas azuis abandonadas", instalação integrada na exposição "Vista Interior" – Dez instalações num andar vazio Em Lisboa".
- 1997 "Wer, wenn ich schreie, hört mich denn aus der Engel / Ordnungen" Johan von Goethe-Universität, Frankfurt.
- 1998 "Desenhos" – trabalhos dos últimos cinco anos. Casa da Cerca, Almada.
- "Der BBB Effect", Instalação e Vídeos, Galerie Fruchtig, Frankfurt
- 1999 "The BBB effect" – Performance. Março 11-13, - "Real Culture, Reproduction(s) and Rip-Offs" – 8th Annual Cultural Studies symposium USA (Kansas State University).
- "The BBB effect, more theories on a Pseudo Science Performance 14-16 Abril – "Festival of Postmodern Piracy" USA (Ohio – Kent KentStateUniversity).
- "Entropia", Instalação no antigo laboratório de química da Escola Politécnica – Museu de Ciência, Lisboa.
- 2001 "Ai flores do verde pinho", desenhos sobre fotocópias de video-prints manipulados em computador, Museu e Jardim Botânico de Lisboa, Novembro/Dezembro, Lisboa.
- 2002 "O efeito BBB revisitado", vídeo e desenhos de grande formato, Galeria Diferença, Lisboa.
- 2004 "documentos sobre um caso tipo", imagens documentais sobre o efeito BBB, Galeria da Assírio e Alvim, Lisboa.
- 2005 "Perder-se de amores...", desenhos e vídeo 10 mn, Galeria Monumental, Lisboa.

<analeonor.rodrigues@gmail.com>

The aesthetic relation with scientific investigation

An "observer"'s emotive and aesthetic relation (from the aesthetic experience) with the scientific investigation is a forbidden relation. The scientific investigation tends to analyse, dismount, understand and freeze until the process is recovered.

There is a scientific attitude which protects the way of thinking and investigating itself (analysing, desmembering, distant and cold), which will allow the postulation of suprahuman rules which justify certain actions, difficult to be accepted by reason, but, on the other hand, allow to put forward some conclusions which are exterior to any identification between us and the world.

The use and the abuse I am about to make to the scientific limpidity allows a new meeting so far as it restores a dissociated and self-critic attitude in the entropic whole of the world (world meaning what humans usually call world - my world, life, the whole).

Knowing every creation of the brain are, after all, aspects of the brain itself, although these become independent in the sense of Karl Popper's M3, their character of interpretation and understanding of reality does not prevent them from being possible fictions about the reality of reality.

This means we can assume to the same level the fancy invention of reality and the scientific invention of reality.

Even pure, passionless, precise, "real" scientific investigation has a human observer in the first place (the observer either recording an aspect of the investigation or distracted by the occasional blue vibration of a product which touched his feelings) who is the investigator himself and, after a while, other equally human observers will be the ones to divulge these postulates or conclusions.

It is important to observe that in any case everything you think will always be sent to the identities of several and successive Is (here we point out - with all the humanity, fragileness and credulity those identities may have).

However, despite all the interpretation devices and reality records, the universal unavoidable verification of its objective existence external to the I is axiomatic.

But, again, all will be found in the observer who will also gain consciousness of that objective reality.

The possibility of inventing sciences

The work I've been doing the last few years is based upon several assumptions and postulates. Some of its concepts may be numbered such as: the contextualized understanding of the patterns of thought, the fallibility of the observation instruments - mine, which are organic, and the available mechanic prothesis, etc.; the free transpositions and the disturbances of different fields of knowledge.

Thus:

The meme's¹, as units of culture², can be created in the same sense it is possible to create an artistic object or a product of mental activity (one day I will have to explain if what I consider to be a meme matches what other people describe as such).

As a unit which multiplies itself, and since the theories of the BBB effect are a meme (safeguarding the definition of meme), what I wish to create - theories and the result of those theories based in mimetic reproductions and imitations close to the biological process - finds an interesting echo in the meme theory itself which molds alike its biological scheme for its structuration.

Bacteria, for instance, are an existence, a definition of a kind of minimal organisms used in biology. Now and then, my invention of bacteria has meeting points with (real) definitions and theories about bacteria.

While some of them proceed from the evolution of an inventive and artistic process and are not real bacteria, others proceed from a precise and objective observation and investigation process. Once in a while the path I send Bacteria Cerulea on surprisingly corresponds to the theories I come across about reality.

To a meta level of observation the two constructions are memes.

One of my assumptions was to invent a scientific reality and so I actually came near to my purpose. Of course they are not directly the same thing, however indirectly they find themselves in a possibility of theorising about the two concepts conjunctly, as memes.

One of the several starting points of my way into arts is the idea that everything is related with everything.

This idea is such a commonplace it is almost stupid.

It is a self-evident idea shall we think in terms of what now-a-days science defines or shall we think in religious terms. Maybe it hasn't always been possible to affirm this but it is a recurrent idea which, in the end, only matters whereas it disturbs some cultural stability, when followed by the letter.

The way I used the structure of a theorization about biology to do my work is exactly what happens with the theory which establishes the memes.

It isn't a structure to be opposed but an existing and adaptable structure such as I adapt an existing structure to my work³.

Here we are facing again the imitation of the imitation in a continuous spiral.

However the scientific speech has other surprising folds which are constantly disturbed and checked by several agents.

Whenever the heralds of the purity of thought or text appear, we find ourselves in the ridiculous situation of voluntarily

¹ Dawkins, Richard, 1976.

² Although it's an unpleasant expression it's the best way to define it in Portuguese.

³ Of course it still is arguable to what point the understanding of reality, which creates explanatory structures (vide the genes functioning). Only to a certain point can it be considered pre-existent.

placing ourselves in dead ends, in the blind alleys of those folds, since their existence depends on the totality, not the partiality of the things and thought.

(It is important to remember that, when interpreting memes, these are the subject and we aren't but elements who, although participating in their composition, are their carriers in such a way as a human is food for a virus. This violently removes us from any individuality).

The herald of the purity of thought I most recently met was someone called Sokal.

1 - The first time I heard about Sokal's text I thought, although its main purpose was finding adjustments in a certain language derangement, the way to achieve it had, in my opinion and according to my observation pattern, an almost Borgian character hence a beauty which acquired a quality more belonging to an intermediate result, although that wasn't its aim. Meanwhile I understood the whole significance of this attitude and perceived Sokal had become a sort of paladin, the knight of the pure and puritan speech, the protector of the scientific terms' real meaning.

2 - As I previously mentioned, for some time now my artistic work is based on the structure and organization of the biological and microscopic pattern. My intention is mostly an artistic purpose just as what interests me the most in the memes theory is exactly the structure from an organic pattern, the DNA itself.

3 - One of the most curious features of mental activity and its product, culture (or memes if we wish) is the possibility of inter communication and movement. The random changes and combinations, basis for all creativeness which implies this capacity.

The same thing occurs with the products from the mind, not to mention the classic example of cubism which foresees and forms the theory of relativity or like Deleuze-Guattari who uses the graphic simplicity of geometric thought to arrange certain philosophic thought (Sokal mistrusts these authors too).

When I say it is a quarter of a circle to twelve or it is forty-five to twelve am I not saying the same thing although using a more insolite image? Of course the argument will swiftly lead to the utility of such an image but I will then refute with the power the image will or will not have to be evident and universal.

4 - Having the most humanly possible strictness, the scientific thought is based on observation patterns which direct the possibility of observation and analysis. The observable field is according to the used pattern.

This situation varies not only according to the historical, sociological and religious patterns, among others, in which the observer is integrated while using a given pattern.

Thus a true scientific evidence from yesterday may become an aberration or an absurdity today. A scientific pattern may inclusively establish a logic and true theoretical body in the field of its postulates. And even if these assumptions may be altered the process itself and its elaborate theory are possible, however no longer true.

5 - Moreover, the fact we use words, we restrain and close the terms to certain areas of knowledge, does not make them untouchable.

Observation patterns - provisory title

One of the important features to understand how people look upon the world is to accept there are starting points that the individual himself creates at the beginning of his instruction or receives from another. These starting points may or may not be influenced by different features such as religion, specific culture from a place or a time, a particular psychological attitude, or structures of thought defining patterns from which one observes what is external to oneself, or even observes oneself as external to oneself.

What I call patterns of thought happens in a scientific activity since all research starts from assumptions considered true in order to attain thesis which are true.

And yet it seems perfectly clear that the evolution of the scientific knowledge itself turns into obsolete what used to be indisputable truths. Each new evolutive leap disturbs the previous patterns of analysis.

Such patterns are relevant in the understanding of the evolution of a given theory, i.e. in the understanding of how a certain thesis is attained: one has to make mistakes to get there, to think wrong in order to think right. Still, the previous patterns have little matter in what concerns the truth of the theory and the final thesis in question (except in the sense that they demonstrate, by opposition, the current idea).

But the fact the patterns of thought exist goes further in the interpretation of things.

Each careful and analytical observation of a fact or object will record all that a given pattern of thought allows blinding any exterior data of that possibility.

This happens either if one is observing a preparation in the microscope and a certain causality can't be recorded because the underlying pattern of observation can't accept it, or if the same causality can't be recorded due to the characteristics of that microscope, or if one observing a landscape towards which all our ways of recording have blinded; for example, someone working in construction hardly wouldn't notice a number of roofs with diferent kinds of tiles.

At this point I found myself before a self-imposed blindness towards the observation of what surrounds me. I see from my artistic practice.

Although certain forms may seem to me very close, the aesthetic quality that I find in them resides in the web of my thought which filters that object and not in the observed object, very clearly - quite the other way round.

My hability of feeling pleasure isn't altered but, together with this, a certain disappointment remains.

The same way the pattern of thought interferes, the recording tools may also interfere.

I remember once I was wandering in the Internet and found an entry, "False sailing maps", which excited me for its immediate poetic possibilities. In the end this reading resulted of a small dislexic mistake of mine for the sentence said "False mailing stamps".

In this case my pattern of thought didn't interfere with the reading; the recording tools only offered me non-existent pos-

sibilities of approaching the subject which, in the meanwhile, started to exist in my mind.

Blue Kitchens

Since 1996 I've been investigating a biological accident, in the meanwhile named "Burned My Blue", in which the collapse of abandoned blue kitchens would cause the appearance of a bacterial population whose size was turned from micro to macroscopic.

Since then I did exhibitions, videos, gave lectures, presented the problem in several places such as Lisbon, Frankfurt, USA - Kansas and Ohio simultaneously with my investigations of the phenomenon.

My work could be defined as a scientific and artistic utopia which uses theorisation to divert interpretations of reality which invent the context of the objects and situations I present.

The starting point is this: if there is a veracity and a logic which allow a scientific thought and theorisation, if there is a philosophical truth and logic, if there is a poetic logic, I experiment moving small particles of those logical speeches in order to build a possibility which may be, or may become real.

It is real because, in the end, I create it.

I perform two kinds of approaches: one is the idea that a scientific theory impregnates a work with possibilities of acceptance and respectability, and therefore concepts like universality of the aesthetic experience or acknowledgment by credited institutions, transmitted by theoretical speeches, may turn out false interpreting tools or subversive obtruding tools.

The other is considering that scientific theories are true, and understanding them and changing them into a reality of my own.

The "Burned By Blue" effect.

"Burned By Blue", vulgar BBB, is a phenomenon triggered in kitchens with two main features: not being in use for a long time and being painted with a particular shade of blue.

"The BBB effect is caused by abandonment.

When we specified the meaning of the term, the possibility of a reflex form of the verb surprised us.

"To abandon" may be defined as the act of abandoning, leaving, ignoring, discarding, renouncing, withdrawing, giving up, dropping, deserting.

In some romanic languages it may also mean to abandon oneself, letting oneself go, to give into an addiction, a pleasure, a passion.

One may abandon a person, a place, an activity, a feeling or an emotion and, to those who define life in such terms, it is also possible to abandon one's own soul.

The BBB kitchen is a place where the violent and continued dilaceration of the act of abandonment triggers in it the process of creating consciousness which is directly related with the appearance of a specific type of mutante bacteria, the Bacteria Cerulea.

Therefore, not only we are before a new factor, the identity of the room called kitchen, but also a new relationship between all elements: the human element becomes another subject in the dialogical possibility between a given space and a person.

The kitchen no longer is a passive element or recipient of human bodies and products, it becomes the other of a non-translated dialogue. Like ants in a colony, the BC clusters had the ability to create, further more, to present ideas, concepts and maybe even semantic equivalents.

Although there are no conclusive proofs, it seems possible that, after restoration, the BBB kitchen may even be able to choose who will inhabit it. But what we know, beyond a shadow of a doubt, is that the remaining of its conscious vigil state directly depends on the affective relationship established between the inhabitant and the kitchen itself.

If we restrict the interpretation of the word abandonment to the act of discarding, letting go, leaving someone or, in this specific case, a place, if we accept beforehand that, in a space, no activity results of any intention to live (procreating, maintaining its features...) in view of creating a new identity, then the BBB effect must be considered in terms of the relationship between ourselves, the observer/deviser/human emitter, and the place in question.

The explanation hereby proposed is that we have created an inversion of activity within the place we previously used for our own maintenance.

The theory resulting from such an interpretation of abandonment presents the Bacteria Cerulea as a place's last and desperate attempt of surviving the feeling of being discarded, inverting the act of abandonment of a place leaving the echo of a scream from the previous occupancy.

We loathe the idea of being considered organic garbage. We could only tolerate this feeling in a process which would generate such intense projections that these would trigger the blue radiation with all the effects that we know of.

When we acknowledge it may be the reactive form, and not the reflexive form, of abandonment that triggers the BBB effect, we also accept there is no active interference on the side of the kitchen.

We still have to analyse the following elements: blue walls (that colour in between the 430/424 nm we referred), organic debris (abundant in bacteria), projections of the human mind (anxiety takes the form of an interference) and an unknown period of abandonment.

We would be forced to face these factors in a different way if we considered, in one hand, that the verb "to abandon" can be used in the reflexive mode either with living or inanimate beings.

The idea is almost absurd, but the facts follow from the knowledge we have on this phenomenon (more likely an accident) resulting from an uncontrolled activity of the human subconscious, in which the concept of abandonment allows the collapse of all the elements, human and non-human, and this triggers the radiation of a particular shade of blue causing the mutation of the Bacteria Cerulea.

If the second hypothesis is right, the BBB effect isn't of an uncontrolled collapse nature, on the contrary, it becomes the communicative means of an entity which we considered devoided of any possibility of self-identity (beyond our projections).

The second hypothesis, besides explaining the BBB as being innocuous to humans, opens a new world of communicating possibilities and exploratory modes towards the friendly entities that surround us"⁴.

"Each creature who lives, in the kitchen, will have to take good and tender care of the bacteria and be patient, for the communicative situation will only develop after a few months of organised existence (the former chaotic dispersion of the BC made difficult the understanding of this phenomenon).

Although it still isn't possible to describe or translate what a kitchen says, the record of every moment of the relationship between the inhabitant and the room leads to the elaboration of a summary of facts which tends towards the creation of intermediary systems of understanding, the kitchen's speech"⁵.

Compulsive acts

Throughout the investigation of this accident, compulsive acts by the inhabitants of the kitchen which occasioned the involuntary ingestion of bacteria, or reclusion suicide, in the kitchen were identified.

In the two extreme cases, the individual tended to increasingly confine himself to the kitchen space in a growing fear of UVB rays which was later assimilated by itself (the kitchen), or the individual achieves a relationship of elective affinities with the referred kitchen, accepting it as a subject-entity and creating affective bonds with it (which tend to reconcile every creature in these conditions).

This exhibition deals with the first behaviour.

The compulsive ingestion of BC organisms was identified and recorded. This is an important evidence since, until recently, it was believed that only round BC were ingested.

This exhibition proves and demonstrates that all of them are assimilable.

Inclusively, a BC, whose size and placement became uncomfortable to the human host, was found and removed.

It should be clear that I state and describe facts, life experiences, but also theories and conjectures that most people don't accept. The individuals affected by BC, who can't find institutions to protect them, are considered to be physically and mentally derranged and placed in underground and secret asylums.

The fact that I present this investigation on the threshold of a scientific theory or an artistic digression allows me to divulge the phenomenon and hold on to the skepticism of those who dislike blue kitchens (talk about power, skepticism, ostricism, etc.). This project also investigates the designation of things as well as the transposition and poetic extrapolations which result of the misuse of words; the consequences are then materialized in small videos, installations or paintings.

In my case - for I am, assumably, in symbiosis with the kitchen - the use of painting is to be able to show to non-blues all the subtlety of feelings of the kitchen.

Each new intervention - installation/investigation/performance - implicates a new path in an intricate problem involving artistic expressions, scientific methods and visionary/premonitory fictions.

Ana Leonor 2009.

⁴ in "Reflections on the invention of sciences", Leonor, Ana, Kansas State University, 1999.

⁵ Rodrigues, Ana Leonor Madeira, "Queimado por azul", Assírio e Alvim, 2006.

Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL
Campus da Caparica

Quinta da Torre
2829-516 Caparica

E-mail:
biblioteca@fct.unl.pt

Telefone:
21 294 7829

